



Universidade do Minho  
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

Alves, A. (2006) 'Comunicação, Interdisciplinaridade Obrigatória' in: *Conferência no 11º Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Comunicação de Empresa - APCE*, realizado em Lisboa, em 14 e 15 de Novembro de 2000.

### **Comunicação, interdisciplinaridade obrigatória**

#### **Resumo**

Faz-se neste texto o elogio do necessário carácter interdisciplinar da área de estudos de comunicação humana. Para isso são sublinhadas algumas considerações básicas sobre a natureza do objecto de estudo – o *objecto material* dos antigos – bem como do método do seu estudo (ou *objecto formal*). No mesmo sentido, destacam-se obras exemplares que adoptaram a perspectiva interdisciplinar. A relevância social da comunicação e do seu estudo é também invocada como argumento favorável para a sua abordagem, numa disciplina, simultaneamente, una e plural.

Palavras-chave:

Comunicação humana, Estudos de Comunicação, Interdisciplinaridade.

## **Comunicação, Interdisciplinaridade Obrigatória<sup>1</sup>**

**Aníbal Alves<sup>2</sup>**

Saúdo este ilustre auditório e agradeço o honroso convite da APCE para participar nos trabalhos do seu 11º Encontro Nacional sobre a “Comunicação na nova Economia”. Desejaria que o meu contributo não desmerecesse em demasia do notável movimento de estudo, formação e acção em Comunicação que a Associação Portuguesa de Comunicação de Empresa (APCE) vem prossequindo com os reconhecidos empenho e competência do seu presidente Dr. Vitor Baltazar e seus colaboradores nos corpos sociais da associação como nas demais estruturas e actividades.

---

<sup>1</sup> Conferência no *11º Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Comunicação de Empresa - APCE*, realizado em Lisboa, em 14 e 15 de Novembro de 2000. O presente texto retoma o que foi publicado na revista da APCE, *Comunicação Empresarial*, 17, 2001, p. 4-12, com o título “Comunicação Interdisciplinar”. Foi alterado o título para, tomando uma sua real especificidade, o distinguir de um outro de natureza mais documental: Alves, A. (1999), “Ciências da Comunicação, área interdisciplinar”, *Comunicação e Sociedade*, nº 1, p.5-18.

<sup>2</sup> Professor da Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Ciências da Comunicação.

A abordagem que hoje vos proponho decorre naturalmente das linhas da minha própria formação e acção na concepção da comunicação humana e do seu estudo. Entendo fazer o elogio<sup>3</sup> da interdisciplinaridade das ciências da comunicação. Ao dizer *ciências* no plural não será redundância acrescentar *área interdisciplinar*? Não. Porque à pluralidade das ciências ou disciplinas se pretende associar a determinação de uma unidade de campo - a área - à qual corresponderá também uma unidade integrante não redutível a um mero somatório.

O elogio da interdisciplinaridade do estudo da comunicação humana funda-se no reconhecimento de **um triplo imperativo**: 1º - um imperativo de natureza lógica e epistemológica decorrentes da natureza do objecto de estudo e da natureza do próprio estudo ou ciência; 2º - um imperativo emergente da tendência convergente da tradição académica e profissional; 3º - um imperativo proveniente da relevância social da temática e da sua adequada compreensão e orientação. Deste triplo imperativo seguem-se orientações para a acção a que, em conclusão, faremos breve alusão.

## **1 – Interdisciplinaridade, imperativo do objecto de estudo e do método apropriado.**

1.1 - A concepção da comunicação humana que em consonância com muitos autores adoptámos, manifesta-se na sua definição como “processo complexo de *interacção* social através de mensagens *significativas*”. Esta definição tem a vantagem de pôr em relevo no seu objecto fenomenal que é a comunicação enquanto acção individual e social um duplo aspecto fundamental: por um lado, o quadro próprio e multimodo do processo comunicativo que é o da *relação e interacção social*; e, por outro lado, a natureza prevalente desse processo que é a sua *natureza significativa* (*simbólica* ou *semiótica*), pela qual se torna, por excelência, um processo *humano*.

---

<sup>3</sup> Esta perspectiva de elogio contrapõe-se, em certo modo, com a de um outro nosso trabalho, mais documental, com título similar: Alves, A. (1999), “Ciências da Comunicação, área interdisciplinar”,

1.2 - Da generalidade da definição e das dimensões também genéricas que ela destaca depreende-se a *abrangência do campo/objecto* de estudo e o desígnio de o integrar numa visão ou teoria própria. No ponto seguinte evocaremos algumas tentativas meritorias para conjugar este duplo objectivo. Baste-nos por ora sublinhar que a referida concepção da comunicação humana, implica, de per si, um estudo pluridisciplinar e multidisciplinar que responda à generalidade e complexidade do processo interactivo e simbólico, e à especificidade das suas modalidades, estruturas, elementos, todos conjugados nas formas e situações da acção social histórica.

O reconhecimento da complexidade dos fenómenos sociais comunicacionais aponta para o imperativo da sua integração através do cruzamento das suas abordagens em disciplinas particulares também indispensáveis. Pois não é a complexidade uma resultante da interacção, da influência, da intersecção, da recíproca determinação e sobredeterminação? Foi por assim o compreender que Edgar Morin admitiu e propôs, em tempo, um novo paradigma para a ciência social a partir da complexidade do(s) seu(s) objecto(s) de estudo. Como bem refere Daniel Bounoux <sup>4</sup>, a este propósito, “a abordagem comunicacional mostra-se atenta aos encaixes de actores políticos e sociais; complexifica o sujeito, menos considerado como indivíduo e mais como um colectivo de indivíduos, de instituições e de máquinas em permanente interacção.

O programa de Morin leva-nos a procurar, em cada caso e sobre o terreno como ultrapassar uma visão mecânica ou demasiado linear dos factos sociais que, sem ofensa a Durkheim, não devem, certamente, ser considerados “como coisas”.

1.3 - A mudança de paradigma proposta por E. Morin pode servir de exemplo para ilustrar a incontornável pluralidade das concepções e práticas científicas do nosso tempo, designadamente no campo das Ciências Sociais e Humanas que mais directamente nos diz respeito. Admitida a pluralidade das ciências, a cada qual cabendo a tarefa de se

---

*Comunicação e Sociedade*, nº 1, p.5-18.

<sup>4</sup> D. Bounoux, *Sciences de l'Information et de la Communication*, Larousse, 1993, p. 13.

justificar epistemologicamente e legitimar na sua relevância social, como, não aceitar também a pluralidade de perspectivas, de recortes e articulações no estudo da comunicação humana? A polifonia epistemológica, com seus pressupostos, quadros conceptuais, objectivos e métodos vai de par com as exigências do objecto de estudo cuja complexidade, pluridimensionalidade e heterogeneidade de formas, modalidades e configurações históricas e sociais já antes foram referidas.

1.4 - Esta necessidade de diferentes e complementares abordagens na compreensão, explicação e interpretação dos fenómenos sociais e comunicativos, costumo ilustrá-la para os meus estudantes recorrendo à metáfora proposta pelo Prof. brasileiro Carlos Vogt da “cebola infinita”. Segundo ele, como outros, a **sobredeterminação dos “factos sociais”** (comunicacionais) torna-os uma espécie de cebolas infinitas, ou seja, eles são como que revestidos/constituídos por camadas sucessivas, em número indeterminado. Assim, à compreensão de uma camada sucederia a interpretação de outra, e depois outra, por aí adiante, numa espécie de recurso *ad infinitum*, qual cadeia interpretativa da semiose ilimitada.

À luz do que fica expresso, o estudo da comunicação, quer pela natureza do seu objecto, quer pela natureza do processo científico, há-de ser interdisciplinar. A este imperativo lógico e epistemológico acrescentaremos agora o imperativo da tradição constituída.

## **2 – Interdisciplinarietà, imperativo emergente na construção da nova área de estudos.**

2.1 - A área das ciências da comunicação **projecta um saber novo**, ainda em construção. Nesta recente e progressiva construção emerge a tendência interdisciplinar. É verdade que a área de estudos da comunicação, tal como o escriba douto da Escritura Sagrada, congrega na sua tarefa, coisas velhas e antigas. Na antiguidade clássica, como no

pensamento medieval e moderno, relevantes elementos e aspectos da comunicação foram amplamente e aprofundadamente estudados a propósito da conhecimento e da linguagem e nas disciplinas da retórica, filosofia, teologia, direito, moral, política, entre outras. Foi a esse respeito, embora referindo-se à semiótica que U. Eco sublinhava o impressionante “pedigree” ou genealogia dos estudos de comunicação.

É no entanto manifesto que a constituição desta área científica pertence ao nosso século e que a sua entrada e reconhecimento na universidade data das últimas décadas.

Não cabe no presente propósito detalhar o processo de construção da nova disciplina, o qual está longe de conclusão, como bem sublinhou P. Watzlavick ao considerá-la uma “ciência na sua infância”. Seja, no entanto, bem realçado que a organização da área académica dos estudos de comunicação, parece dever-se, entre outras, a duas principais ordens convergentes de fenómenos: 1º - as transformações sociais associadas à emergência histórica dos **novos meios de comunicação** cujo desenvolvimento não cessou de nos maravilhar; 2º - a **confluência de várias correntes de pensamento** motivadas por aquelas transformações, quer no quadro político e social, quer no quadro da investigação científica e ensino universitário.

2.2 - Importa-nos aqui destacar a **tendência para a interdisciplinariedade**. Vamos cingir-nos a uma breve amostra. Nela referiremos três manuais, aludindo também à temática escolhida pela investigação científica e ao leque das matérias e autores contemplados pela importante Enciclopédia Internacional das Comunicações, que contou com a coordenação de George Gerbner.

2.2.1 - O manual de St. Littlejohn<sup>5</sup>, *Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana*, tem a característica e o mérito de proceder a uma reunião quase enciclopédica das teorias da comunicação procurando a sua

---

<sup>5</sup> S. Littlejohn (1978), Bell and Howell Co., USA, Trad. Portuguesa, *Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana*, Zahar ed., Rio de Janeiro, 1982, p. 38. S. Littlejohn, and K. A. Foss, (2004), *Theories of Human Communication*, Thomson, Wadsworth, 8<sup>th</sup> ed.. 1<sup>st</sup> ed., 1978, Bell & Howell Co., USA.

articulação no que designou por “uma integração multiteórica”. Reflectindo predominantemente a tradição americana, esta visão compreensiva representa um importante contributo para a construção unitária e plural da Disciplina ou Área de Comunicação. A sua selecção dos conceitos fundamentais e sua conjugação entre processos básicos, contextos, e processo geral sistémico e processo semiótico, para além de eventuais idiosincrasias, também compreensíveis, parece-nos um excelente exemplo na procura da construção interdisciplinar da nova área. (Ver no local referido, em particular, figuras representando os “Conceitos Fundamentais” e a interpenetração das dimensões da comunicação em contexto social).

2.2.2 - Exemplo, em parte convergente, mas ilustrando um esforço de integração no âmbito de uma subárea - a comunicação organizacional - provém da importante obra de Osborne Lee Thayer<sup>6</sup>, *Comunicação, Fundamentos e Sistemas, na Organização, na Administração, nas Relações Interpessoais*. A integração de três dimensões formuladas na sequência de detalhada análise conceitual e funcional é ilustrada numa figura tridimensional com destaque para a especificidade da vertente operativa das competências comunicativas (Ver figura indicada na nota precedente com esquema do cubo das dimensões do processo comunicativo). Thayer apresenta, assim, em combinação com o processo complexo integrante dos processos básicos e com as situações/planos de análise da comunicação, um outro eixo também integrador da acção comunicativa e que consiste na competência comunicativa de todo o comunicador, isto é, de todo aquele que emite ou recebe comunicação. Sem podermos agora demorar-nos em outros aspectos do original e fecundo contributo desta obra para a nossa disciplina, fique relevado o seu intuito integrador, de par com a coerente e conspícua abordagem de subdomínios e dimensões específicos da comunicação.

2.2.3 - Uma terceira referência, vamos encontrá-la na Selecta de Textos de Daniel Bounoux, *Sciences de l' Information et de la Communication*, um

verdadeiro panóptico da nossa disciplina, num típico olhar europeu. Aponta-nos aí para o que designa “abertura comunicacional” que vê emergir das tendências fortes da nossa actualidade nos seus diferentes campos, do informativo omnipresente aos novos modelos políticos e éticos, da intensificação da urbanização e do sector terciário à consciência planetária ou ecológica, relevando também o retalhamento dos saberes em disciplinas regionais ou esotéricas em guerra aberta ou em total ignorância entre si. Nessa abertura, que é também uma viragem, diz, “a comunicação não é um objecto do qual se poderiam enumerar os conteúdos, nem tão pouco pode ser circunscrita a um lugar; ela é aquilo que liga, aquilo que está no *inter* (entre) dos media, dos meios ou das disciplinas”<sup>7</sup>.

Nesta perspectiva, a carta de estudos permanecerá necessariamente aberta. Sem pôr isso em causa, é-nos aí apresentada uma proposta que, partindo de uma espécie de “tronco comum” de inspiração *filosófica*, se articula em mais cinco disciplinas, a saber: **semiologia, pragmática, psicanálise, cibernética, e mediologia**<sup>8</sup>. Embora se trate claramente de uma visão diferente da dos outros dois autores não é nela menos consistente nem manifesta a orientação interdisciplinar que pretendíamos sublinhar.

2.2.4 - Das problemáticas tratadas pela **Investigação Científica** que, em parte, precedeu a institucionalização da área na universidade, também se recolhe a tendência para a abordagem pluridisciplinar e interdisciplinar.

Logo nos Fundadores sobressai a marca da Ciência Política, com Harold Lasswell, da Sociologia, com Paul Lazarsfeld e da Psicologia Social, com Kurt Lewin e Carl Hovland. Nos institutos e centros de pesquisa que se foram desenvolvendo, primeiro nos Estado Unidos e, depois, na Europa, América Latina e outras regiões, dentro e fora das Universidades, a investigação elegeu como seus objectos, ora quadros específicos da comunicação tais como os grupos, as organizações, a comunicação mediática, ora problemas como a influência, a persuasão, a

---

<sup>6</sup> O.L. Thayer, (1976), *Comunicação, Fundamentos e Sistemas*, Atlas, S. Paulo, p. 219 e p. 292.

<sup>7</sup> D. Bounoux, *Sciences de l'Information et de la Communication*, Larousse, 1993, p. 13.

difusão da informação e das inovações, com recurso às diferentes metodologias das Ciências Sociais. Gerald Miller destacou mais recentemente dois grandes paradigmas para o enquadramento da pesquisa: a perspectiva sistémica, com relevo para a estrutura e organização, formulada, entre outros, por Monge (1977), e Watzlawick (1967); e a perspectiva das regras assumidas ou negociadas pelo comunicador/*actor* colocado no centro do processo e da sua condução (Cronen Pearce e Harris, 1977)<sup>9</sup>, Fica também aqui indicada a perspectiva integradora e interdisciplinar.

2.2.5 - Uma consulta à obra de referência que é a ***International Encyclopedia of Communications***<sup>10</sup> levar-nos-à a idêntica confirmação desta tendência. Note-se, a título de indício, a listagem de 61 **teóricos**, no fim da obra, imediatamente a seguir à dos 29 tópicos que, de algum modo, resumem os quatro volumes. Entre aqueles teóricos contam-se filósofos como Adorno, Aristóteles, Marx e Wittgenstein, antropólogos como Boas, Levi-Straus e Margaret Mead, sociólogos como Durkheim, Goffman, Merton e Simmel, psicólogos como Cooley, Freud, Lewin, Luria, Piaget e Wigotsky, linguistas e semiólogos como, Hymes, Jakobson, Morris, Peirce, Sapir, Saussure e Worf, para além dos fundadores e promotores da comunicação propriamente dita, tais como, Bateson, Lippman, Park, Schramm, Von Neuman, Weaver e Wiener. Uma amostra que não deixa dúvida sobre o teor interdisciplinar desta notável síntese das Ciências da Comunicação.

2.2.6 - A esta resenha documental haveria que juntar-se o vasto trabalho de reflexão, análise e treino desenvolvido no âmbito das **profissões especializadas na comunicação** com destaque para o jornalismo, o audiovisual, multimédia e internet, a publicidade, as relações públicas e, em último mas não menos importante lugar, a comunicação empresarial.

---

<sup>8</sup> *Ib.* p.18.

<sup>9</sup> G. Miller, "Communications" in *The Social Science Encyclopedia*, A. Kuper, ed., p. 133.

<sup>10</sup> G. Gerbner (Org.), 1989, *International Encyclopedia of Communications*, Oxford University Press, N. York, Vol. IV, p.361.



De modo similar colheríamos ensinamento eloquente da organização da investigação no quadro das Secções e Divisões das Associações de Comunicação, nas suas conferências e congressos, nas suas revistas científicas e profissionais. Estamos convencidos que também desta análise retiraríamos a confirmação do desígnio e prossecução da interdisciplinaridade. Passemos agora ao terceiro imperativo.

### **3 - O imperativo da interdisciplinaridade decorrente da relevância social da área.**

3.1 - Referimos anteriormente que foram os media e as novas técnicas de comunicação os verdadeiros catalizadores da nova área científica. Assim foi e assim é, talvez hoje ainda mais do que ontem. Com efeito a *relevância social da comunicação* ganhou novo contornos, acarretou novas exigências e novas missões, qual delas com maior urgência e todas com previsíveis impactos significativos, quer na estruturação e qualidade da vida colectiva, quer e concomitantemente, na vida dos cidadãos, das suas organizações e instituições.

Aos novos desafios não poderá corresponder uma disciplina ou área de comunicação que não desenvolva poderosa capacidade integradora e compreensiva dos processos, dimensões, situações, tecnologias e demais aspectos, nos quais a comunicação humana, pessoal e social se realiza historicamente.

É que só a partir daquela capacidade demonstrada poderá a área da comunicação assegurar a sua indispensável legitimidade social e ver reconhecido o seu lugar na academia, o qual não pode de modo algum considerar-se definitivamente adquirido. Neste sentido, parece-me oportuno delinear para o futuro da nossa disciplina uma dupla perspectiva: a primeira consiste na evocação da proposta de Erik Rosengren sobre o lugar da disciplina da comunicação no cruzamento com as outras disciplinas académicas e sobre a sua incidência na construção social; a segunda refere-se à identificação de alguns desafios e correspondentes tarefas para a nossa disciplina.

### 3.2 - A comunicação no cruzamento das ciências sociais e humanas.

Erik Rosengren<sup>11</sup> oferece-nos um modelo representativo das disciplinas académicas com o objectivo de distinguir e caracterizar a área interdisciplinar da comunicação. Para tanto ordena as disciplinas em três dimensões: a) a dimensão dos *níveis* de complexidade dos fenómenos em estudo, tais como o átomo ou as moléculas e os organismos, os indivíduos, os grupos e as sociedades. Nesta dimensão surgem as disciplinas de física, química, biologia, psicologia, sociologia. b) A dimensão *institucional*, ou seja, a das instituições criadas pelo homem na construção das sociedades humanas com base nos seus *valores básicos*. Nessa dimensão surgem as Ciências Aplicadas tais como a medicina, as engenharias, a economia, a ciência política, o direito, as ciências religiosas, as artes e a literatura. c) A dimensão das *instituições criadas* para assegurar a continuidade da existência e funcionamento das sociedades. Aí surgem as disciplinas dedicadas a fenómenos relacionados, de um ou outro modo, com a *regulação e a comunicação*: a linguagem, a educação, a comunicação mediática e semelhantes. É a esta dimensão que se refere o termo e conceito de “**socialização**” no quadro das Ciências Sociais. Este fundamental processo social constituiria o objectivo integrador de disciplinas como a pedagogia comunicação/comunicação mediática, linguística, cibernética e sistémica geral (Ver esquema do cubo das ciências sociais e humanas).

No *cruzamento* das três dimensões desenham-se as disciplinas da comunicação, entendendo-se que o modelo não oferece mais do que uma orientação para a ordenação de um campo complexo, a qual será sempre provisória. Permanece que no caso da área da comunicação, de modo especial, e para além da guerra das localizações académicas, a salvaguarda do seu futuro dependerá da resposta que souber dar ao desafio social que a suscitou.

### 3.3 - De que **desafio** se trata?

---

<sup>11</sup> K. E. Rosengren, (2000), *Communication*, Sage, London.

Não podendo alongar-nos neste tópico, limitar-me-ei a três indicações programáticas todas intimamente associadas à referida perspectiva do processo de socialização no qual e pelo qual se constroem, de modo permanente, as pessoas, as instituições, as sociedades.

3.3.1 - O desafio da *Nova Comunicação* (como da Nova Economia) com suas redes globais e a esperança prometida da *Sociedade da Comunicação*. Que enormes transformações daí se perfilam para o nosso campo a requerer novos e denodados projectos na pesquisa, na formação em geral e no ensino da comunicação em particular.

3.3.2 - O desafio da *Informação Social* a suscitar a actualização e adequação dos serviços públicos que a assegurem e que assim contribuam para a participação empenhada dos cidadãos nas causas comuns ou coisas públicas.

3.3.3 - O desafio da *Comunicação Organizacional ou empresarial*. A consciência de que nascemos, vivemos e morremos em organizações, deveria levar-nos a valorizar este quadro tão relevante de comunicação. Um apontamento a este propósito. Recente estudo nos países da Comunidade Europeia apontava doze milhões de pessoas gravemente doentes em razão de terem sido vítimas de mau tratamento e perseguição - 'má comunicação', dir-se-ia - na situação de trabalho. Não será um apelo à formação para a Comunicação?

## Conclusão

E é com o *desafio da formação* que desejo concluir. A formação ao nível geral como ao nível da comunicação constitui objectivo cimeiro e permanente da nossa área. Dela depende com efeito a emergência e continuada actualização do que pode designar-se como **competência comunicativa**. A esse respeito depreende-se a relevância estratégica do *currículo* dos cursos de comunicação que aqui apenas podemos referir.

Lee Thayer, já citado, faz da competência comunicativa instrumento decisivo de orientação para a análise e prática comunicacionais e correspondentemente para a definição do perfil do comunicador (tema que merecerá particular destaque neste mesmo Encontro). Thayer indica dois tipos de competência necessários ao bom comunicador: a *competência táctica* e a *competência estratégica*.

A competência táctica diz respeito às capacidades e aptidões requeridas para emitir e receber comunicação tais como, falar e escrever, ouvir atentamente, corresponder gestualmente, etc. A competência estratégica é outra coisa; consiste na capacidade de perceber e compreender a situação e preparar a acção a ela adequada. De ambas as competências depende a boa “comunicação”.

Esta importante distinção da dupla competência lembra-me a *história do regente da banda* que em dado arraial fez prova de a possuir. Foi o caso que a comissão de festas conseguira trazer à aldeia a famigerada banda da Guarda Nacional Republicana, julgando com isso ter ultrapassado em muito o mérito da anterior comissão. Chegou-se ao arraial com grande expectativa sobre a actuação da banda. Inicia-se esta com as Valquírias, as Quatro Estações, e outros excertos do repertório clássico. Depressa se manifestou o desencanto entre o povo e, nos membros da comissão, o nervosismo era notório. Neste ambiente tenso, o regente faz uma breve pausa e distribui outras partituras musicais. Arrancam corridinhos e “passos double”, prosseguem marchas e rapsódias. E foi o delírio no público e na comissão. O juiz da festa não se conteve. Sobe ao coreto, com a banda em aplauso, e exclama para o regente: “Para cá esses ossos amigo! Parabéns! E vocês, na primeira parte, a fingir que não sabiam tocar!”.

A anedota ilustra o desempenho da competência táctica e da competência estratégica. A banda demonstrou a mesma competência táctica nos dois tempos. A excelente execução do primeiro tempo não levou ao êxito. Só a visão e compreensão da situação, próprias da competência estratégica, levaram à actuação adequada e, por isso, ao êxito.

Ambas as competências, como dissemos, são indispensáveis. Para a sua aquisição e cabal desempenho se deveria ordenar toda a formação e treino. Mas a competência estratégica, de especial modo, provém da visão

compreensiva, da capacidade integradora, da contextualização, numa palavra, do quadro e da prática da interdisciplinaridade.

Esta competência, e por aqui concluo, envolve também uma responsabilidade de ordem social e ética. James Anderson<sup>12</sup>, que coloca esta responsabilidade no âmago do seu pensamento e do seu livro *Communication Theory*, refere que ouviu ao seu colega e famoso psicólogo social Irv Altman o seguinte comentário: “o melhor que pode ser dito da psicologia é que ela não causou qualquer *prejuízo*”. Como Anderson, não queremos que idêntico comentário se faça sobre a nossa Disciplina. Ela não poderá reduzir-se a não causar prejuízo. E tal não acontecerá se, no empenho pessoal, profissional e associativo, prosseguirmos o seu elevado objectivo académico, profissional e social.

Aníbal Alves

Braga, 13 de Novembro de 2000

#### Referências:

- Alves, A. (1999), “Ciências da Comunicação, área interdisciplinar”, *Comunicação e Sociedade*, nº 1, p.5-18.
- Alves, A. (2001), “Comunicação Interdisciplinar”, *Comunicação Empresarial*, nº 17. Revista da Associação Portuguesa de Comunicação de Empresa, Lisboa, p. 4-2.
- Bougnoux, D. (1993), *Sciences de l'Information et de la Communication*, Larousse.
- Littlejohn, S. (1978), *Theories of Human Communication*, 1<sup>st</sup> ed., Bell and Howell Co., USA, Trad. Portuguesa, *Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana*, Zahar ed., Rio de Janeiro, 1982.
- Littlejohn, S., and Foss, K. A (2004), *Theories of Human Communication*, Thomson, Wadsworth, 8<sup>th</sup>.
- Thayer, K. A (1976), *Comunicação, Fundamentos e Sistemas*, Atlas, S. Paulo, p. 219 e p. 292.
- Miller, G. “Communications”, *The Social Science Encyclopedia*, Kuper, A. and Kuper, J. (1985) ed., p. 133.
- Gerbner, G. (1989), (Org.) *International Encyclopedia of Communications*, Oxford University Press, N. York, Vol. IV, p.361.
- Rosengren, K. E. (2000), *Communication*, Sage, London.
- Anderson, J. (1996), *Communication Theory*, Guilford Press, N. York.

---

<sup>12</sup> J. Anderson (1996), *Communication Theory*, Guilford Press, N. York.